



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega das novas instalações da Rádio Nacional do Rio de Janeiro

Brasília-DF, 02 de julho de 2004

Queria pedir para o Gilberto Gil vir aqui. Eu ia pedir para você cantar, porque tem alguém com um violão que já está afinado, mas pedir um monte de coisas, vai complicar a tua vida.

Eu quero dizer a todos vocês que eu não vou fazer o pronunciamento, porque eu penso que o Eugênio Bucci falou o que a alma do governo pensa sobre a recuperação da Rádio Nacional. Eu penso que o Gushiken mostrou esse sentimento.

A governadora Rosinha mostrou, aqui, que a reinauguração de uma rádio, a recuperação de uma rádio como essa não é de interesse dessa ou daquela pessoa, desse ou daquele grupo ou daquele partido, mas é uma coisa que transcende, muitas vezes, a pequenez do ser humano e atinge a totalidade das pessoas que fazem arte, que fazem cultura no nosso país.

A querida Daise falou, aqui, que começou em 52. Nós temos uma pequena diferença de idade, mas não temos nada de diferença de sentimento porque quando você estava começando, eu estava chegando em São Paulo, vindo de Pernambuco, exatamente em 1952.

Mas eu quero dizer a todos vocês que são coisas simbólicas como esta que vão construindo a alma de um povo, o pensamento de um governo, e que vão consolidando uma política cultural no nosso país.

Eu vi, na cara dos funcionários que cumprimentei, o orgulho. Eu vi, na cara dos funcionários que eu cumprimentei, aqui, uma espécie de um saudosismo gostoso, ou seja: “agora nós voltamos a ser o que já fomos”.



Imaginem a Daise lembrar de quando ela esteve aqui, em 1952 e, agora, voltar com o mesmo espírito, 52 anos depois.

Quero dizer para vocês que eu estou vendo essas cadeiras, aqui – inclusive eu vi um pequeno auditório lá – e eu espero, Eugenio, Cristiano e companheiros da Rádio Nacional, que a gente consiga fazer um jornalismo mais vivo, que a sociedade fosse mais envolvida, que pudesse vir aqui debater. Sabem por quê? Porque, hoje, muita gente faz programa de rádio com jornal na mesa, então, é só repetir o que já está no jornal.

Eu acho que é importante colocar: está faltando um pouco de criatividade no nosso país. Criatividade é a palavra para fazer com que as coisas aconteçam. O rádio nunca vai perder a sua importância. Nunca! Eu acho que o rádio, em alguns lugares do Brasil, tem mais importância, até, do que a televisão, porque tem lugar onde a televisão não chegou ainda, mas o rádio está em todo lugar.

Eu sou do tempo do “rádio espiga”, ou seja, um radinho que a gente carregava no bolso, que a gente ouvia. Na fábrica era proibido ouvir rádio e a gente colocava um negocinho no ouvido e trabalhava ouvindo, até que o chefe não descobrisse, porque a gente poderia deixar de prestar atenção na peça que estava fazendo.

Meus parabéns. Eu queria, Gilberto Gil, que essa inauguração não pudesse prescindir de uma pequena fala do nosso Ministro. Não precisa ler o meu discurso. Uma pequena fala do ministro da Cultura, porque, possivelmente, nós temos, em outros estados, rádios historicamente importantes como essa, que estão precisando de um pequeno pontapé, de um pequeno incentivo de alguém, quem sabe de uma Petrobrás, que também não pode assumir a responsabilidade por todas as rádios. Mas tem outras instituições, o BNDES está aqui, o Banco do Brasil está aqui. Tem sempre uma possibilidade de uma pequena ajuda.



E, às vezes, o que se gasta em dinheiro é infinitamente menor do que aquilo que a gente ganha para a cultura e, sobretudo, aquilo que a gente ganha em auto-estima para o nosso povo.

Então, eu queria terminar passando a palavra para o Gilberto Gil.